

DIÁRIO DE AULA COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO DA PRÁTICA EDUCATIVA

Marilda Oliveira de Oliveira (Centro de Educação/ PPGE/UFSM)

Resumo

Este texto apresenta uma reflexão sobre a produção do diário de aula (ZABALZA, 2004) como instrumento metodológico da prática educativa no estágio curricular supervisionado em artes visuais. A partir da problemática de pesquisa - qual a importância e o lugar do diário para os estagiários? - intenciona-se explicar em que consiste este instrumento (visual e textual) e a forma como foi utilizado no curso de licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria, RS. O diário da prática pedagógica, nomeado nesta pesquisa como dpp foi sendo gestado durante os anos de 2010 e 2011, porém somente em 2011 passou a ser apresentado uma vez ao mês, onde cada professor em formação inicial deveria dar conta do trabalho daquele último período (mês de aula). A ideia de apresentar o processo pedagógico de forma ampliada potencializou a reflexão da narrativa. Foi necessário voltar atrás, examinar o trabalho desenvolvido para elencar elementos que caracterizassem aquele período da docência, configurado, no mínimo em torno de quatro aulas ministradas. A apresentação do diário nos encontros formativos passou a ser um momento muito esperado por todos os envolvidos no processo pedagógico e de grande satisfação tanto para quem apresentava quanto para quem problematizava/questionava. Este instrumento produziu alterações na forma como cada professor em formação passou a se narrar e a narrar sua experiência educativa. A partir do material selecionado pela pesquisa é possível perceber os modos de ver do professor em formação, o percurso da docência em artes visuais e a forma como este profissional escolhe para dar conta do seu processo formativo durante o período dos quatro semestres de estágio curricular supervisionado.

Palavras-chave: diário de aula; prática educativa; artes visuais.

O que o diário pode?

Iniciei minha experiência com orientação de estágio na área de artes visuais no Centro de Educação, na Universidade Federal de Santa Maria, no ano de 2002. O diário de aula foi um instrumento metodológico presente na formação inicial desde o princípio. Inicialmente adotamos os referenciais de Porlán e Martín (1997) a partir do livro "El diario del profesor – un recurso para la investigación en el aula" para operacionalizar o conceito de diário que buscávamos naquele momento. Conceito este que consistia em ver o diário de aula como um registro da prática docente. "Diário de aula como instrumento que permite ao professor investigar e refletir sobre a prática educativa, testemunho biográfico da sua experiência" (PORLÁN; MARTÍN, 1997, p. 18). Segundo estes autores a escrita do diário com certa periodicidade permite ao professor refletir sobre seu plano de aula e suas ações educativas. Nesta concepção, o diário se torna uma espécie de guia, onde sempre é possível voltar aos registros para

rever o que foi realizado. Ou ampliando ainda mais, o diário é visto como um instrumento para detectar problemas e explicitar nossas concepções políticas e ideológicas.

Organizávamos as aulas semanais na universidade de forma que cada um dos licenciandos pudesse ler seu diário ou, se preferisse, falar sobre a aula ministrada na escola naquela semana. Este momento, às vezes, exaustivo e cansativo para todos nós era também um momento muito especial, pois podíamos trocar ideias e vivências pedagógicas.

A partir da escrita semanal do diário, o grupo passou a trocar informações, discutir acerca dos diversos problemas enfrentados e juntos acolhiam dúvidas uns dos outros através dos próprios relatos apresentados. Este intercâmbio é importante uma vez que os diversos acontecimentos não ficam presos ou relegados a uma só pessoa. A escrita e a posterior leitura no coletivo possibilitam o fluxo das informações, a mobilidade das práticas a fim de que cada um possa dividir seus medos, suas angústias. Esta prática promove a quebra de estereótipos e aponta novos caminhos para cada situação apresentada no grupo. Os entraves, os problemas, as dificuldades, todas as descrições das aulas, também as satisfações, as alegrias, as análises, tudo escrito/descrito pelo professor, que era particular se torna público. O professor em formação inicial procura organizar o seu pensamento quando escreve o diário após ter ministrado a aula e volta a reorganizá-lo novamente quando exterioriza a leitura do diário ao grupo, pois, neste momento é questionado, recebe opiniões, e desta forma o que seria apenas uma escrita, ultrapassa o plano silencioso do textual, ganha forma quando dimensionado no verbal. É este trânsito, este percurso, ou caminho, como queiramos denominá-lo, que potencializa o discurso. Passa de um simples relato para algo a ser problematizado pelos colegas e pelo professor. É o caráter público do diário que, em minha opinião, re-dimensiona a prática pedagógica. (OLIVEIRA, 2011, p.183)

De fato, este momento inicial foi muito importante para orientadores e estagiários, porém, após alguns anos (2002 a 2009) começou a demonstrar-se falho como instrumento metodológico, pois excluía as imagens do percurso. Estava baseado apenas na palavra escrita e na leitura para o grupo ou pelo menos assim o operacionalizávamos.

Em 2009 começamos a experimentar, timidamente, a reflexão de cinco eixos/parâmetros para pensar a formação inicial em artes visuais onde um deles era a prática educativa coletiva (o diário do professor), buscando desta maneira ampliar os

instrumentos para pensar a formação. Nomeamos estes eixos/parâmetros como: 1) idéia de rede – cartografia; 2) conteúdos culturais subjetivados; 3) leitura para a transformação; 4) prática educativa coletiva e 5) ambiência. (OLIVEIRA, 2009)

Em 2010 realizamos nossas primeiras investidas na elaboração do que nomeamos dpp – **diário da prática pedagógica**. Diários ampliados onde cada professor em formação faz seus registros textuais e visuais. Também diversificamos nossos encontros presenciais que, antes eram pautados pela leitura de textos e pelos relatos das práticas realizadas para uma ampla cartela de filmes onde o foco foi a docência e textos que contemplassem a perspectiva da cultura visual. (Imagem 01)

Nossa problemática de pesquisa ficou assim configurada: qual a importância e o lugar do diário da prática pedagógica para os estagiários?

Para sairmos das discussões de textos/filmes baseados no senso comum, ou apenas na demarcação de passagens mais relevantes de ambos, criamos um instrumento de perguntas mobilizadoras para balizar nossas discussões fílmicas e textuais. Este instrumento foi criado com três níveis de análise, sendo o primeiro individual e denominado de ‘aproximação’. Este primeiro nível previa a contestação em casa, antes do encontro na UFSM e após o professor em formação ter visto o filme escolhido pelo grupo ou lido o texto indicado para discussão em aula. Aqui os questionamentos eram: o que este filme/texto diz de mim? (procurar estabelecer vínculos, aproximações, analogias, discrepâncias com a própria vida); que conceitos/temas estão presentes nesta narrativa fílmica/neste texto? Qual é o ideário de educação desta narrativa fílmica/deste texto? (Imagem 02)

Para a discussão deste primeiro nível do instrumento de perguntas mobilizadoras que fora respondido em casa, propúnhamos sorteio de três grupos, de mais ou menos seis a sete pessoas, onde cada membro apresentava suas respostas que eram discutidas e analisadas pelos colegas do seu grupo, às vezes esta aproximação se dava com surpresas e admiração pela distância de opiniões, às vezes com alegrias e consentimentos pela proximidade das respostas.

Cada grupo então passava a responder o segundo nível do instrumento, já que este momento previa a negociação para as respostas, o qual denominamos ‘interlocação’. As questões deste momento foram: houve pontos de vista semelhantes nas percepções individuais? Que temas ou perguntas podem ser elaboradas a partir do texto/filme? Que relações podemos estabelecer a partir do filme/texto com a docência? E quais as representações (de homem, de mulher, de professor, de escola, de aula) foram

apresentadas no filme?

Como já mencionado anteriormente, os filmes e textos escolhidos como foco de estudo nas aulas eram lidos e vistos em casa. O momento dos encontros na universidade era previsto apenas para as discussões e sistematizações do que fora estudado.

Quando finalizado o segundo nível, sendo o tempo utilizado até este momento de mais ou menos uma hora, abríamos para a discussão do grande grupo e assim cada um dos três grupos apresentava suas respostas/dúvidas/questões aos demais. Este momento durava mais uma hora, ou quarenta e cinco minutos.

O terceiro nível voltava a ser individual e nomeamos como 'interpretação'. Este devia ser contestado após o encontro, em casa e inserido no diário da prática pedagógica (dpp). As questões previstas para este momento foram: o que eu aprendi do/com o grupo sobre este filme/texto que não havia percebido antes? Que argumentos posso construir a partir desta experiência para minha vida docente? Em que esta experiência contribuiu para a minha identidade docente (como eu me vejo)?

A produção do diário passou a ser algo menos formal, deixou de ser uma espécie de ata de acontecimentos para se transformar em um instrumento que possibilita um questionamento ao que tenho feito em sala de aula. Acredito que tenha potencializado a reflexão, pois ao fugir da formalidade antes presente, já nos desestabiliza para que possamos pensar o diário de outras formas. (estagiária Karina Silveira, 2011).

Não foi fácil sair do formato de relato escrito, descritivo para o formato visual e onde era possível utilizar diferentes maneiras como suporte para apresentá-lo. Os professores em formação utilizaram o diário no formato de blogs, vídeos, fotografias, álbuns, blocos, slides em ppt, novelas, poesias, performance, mapas conceituais, diários de viagens, cordéis, animações, HQs, dentre outros formatos. (Imagem 03)

A proposta do diário nesse formato ampliado foi de extrema importância para mim, enquanto docente em formação inicial, e como pessoa. Poder usar outros elementos que não fossem somente a escrita me desafiaram a refletir ainda mais sobre o que estava escrevendo e sobre como poderia representar minhas reflexões. A possibilidade de utilizar outros elementos e não mais a excessiva escrita [pormenorizada, detalhista] que eu tinha, fizeram com que eu relacionasse outros momentos do meu cotidiano, pensando no processo de forma mais ampla, tentando fugir do relatório, da narração de fatos. (estagiária Angélica Neuscharank, 2011).

Para auxiliar no momento da produção dos diários lançamos algumas questões

reflexivas: Ao realizar o diário, consegui me colocar? Falar de mim e do que estou vivendo? As reflexões sobre o meu processo docente se fizeram presente? Que lugar as reflexões ocuparam? Consegui falar da minha experiência e não, apenas, da experiência dos meus alunos? Consegui sair do relato formal em forma de ata e ampliar as discussões? Consegui estabelecer um diálogo entre imagens e escritas, sem que uma se sobressaia a outra? As imagens estão para tensionar o texto ou para ilustrá-lo? Consegui contemplar no diário o terceiro nível do instrumento de análise (interpretação)? (Imagem 04)

Holly (1995, p.101) afirma que

os educadores que optam pela elaboração de diários profissionais e pessoais escolheram observar-se a si próprios, tomar a experiência em consideração e tentar compreendê-la. A escrita dos diários autobiográficos envolve o processo de contar a história da sua própria vida. Uma das diferenças entre teorização normal, ou cotidiana, do professor e a escrita sobre suas próprias experiências, pensamentos e sentimentos, é que esta última demora muito mais tempo. Há mais tempo para observar e refletir sobre o que se escolhe para ser contado.

Em um texto anterior (OLIVEIRA, 2011) fiz referência a questão do que escolhemos para narrar. Ao selecionar elementos para contar ou representar omitimos fatos, inventamos detalhes e estabelecemos uma nova configuração da cena narrada.

Alguns indícios não conclusivos

Quando iniciamos esta pesquisa em 2010 com a problemática: “qual a importância e o lugar do diário da prática pedagógica para os estagiários?” tínhamos clareza da complexidade do problema e das dificuldades que teríamos para monitorar esses dados.

Desta forma o que apresentamos neste momento são os primeiros achados desta pesquisa que ainda segue em curso. Organizamos três blocos em forma de tópicos que dão idéia de como continuamos nos movimentando neste trabalho investigativo.

Sobre os diários:

- a produção do dpp envolveu os professores em formação de uma outra maneira, mais produtiva, mais reflexiva. A idéia de a cada mês fazer um recorrido para apresentar aos colegas produziu esta movimentação de rever o trabalho com maior frequência, voltar atrás, recuperar dados e organiza-los em forma de diário visual/textual;
- dois acadêmicos mencionaram que este formato de diário gera insegurança, pois no

modelo anterior traziam os problemas para serem resolvidos durante a semana e agora precisam encontrar soluções sozinhos;

- o dpp ficou caracterizado como parte do processo e deixou de ser uma carga, algo exaustivo e obrigatório que teriam que dar conta todas as semanas;
- nem todos os estagiários conseguiram produzir o diário a partir das escolhas iniciais (blogs, álbuns, etc) que haviam feito. Foram experimentando diferentes possibilidades até o final do semestre. Esta dispersão trouxe fatores positivos (a ousadia de mudar e recomeçar) como fatores negativos (não conseguir fazer um percurso, o que acabou fragmentando e pulverizando o processo docente);
- inicialmente, ficou evidente a dificuldade de mostrar-se, de falar a partir do 'eu professor'. A tentativa inicial era sempre falar sobre os estudantes, o que eles tinham feito, dito;

Sobre a escola:

- em muitos diários a escola ainda aparece como um lugar problemático onde eles não conseguem encontrar soluções possíveis para lidar com a violência, com as agressões entre os jovens, durante as aulas;
- dois estagiários, especificamente, deixam claro nos seus diários que percebem a escola como um lugar a ser modificado, melhorado e acreditam que esta é a função do professor. Não percebem a educação como um processo de construção compartilhada;

Sobre o estágio curricular supervisionado:

- o estágio é mencionado nos diários como um momento de trânsito, identidade dúbia, ora são estudantes, ora são professores;
- o momento da assistência da aula pelo orientador ainda causa desconforto, insegurança;
- o estágio aparece como a única possibilidade de trabalhar com ensino e pesquisa no curso de licenciatura;

A partir destas primeiras aproximações e enquanto docente responsável pelo processo formativo dos alunos da licenciatura em artes visuais percebo o quanto tenho aprendido ao rever a forma como iniciei o trabalho de orientação em 2002, o quanto é importante mudar de via para não nos acostumarmos com o caminho, o quanto é difícil construir a docência a partir das crenças individuais de cada um e finalmente, o quanto pode ser prazeroso apostar num trabalho colaborativo para aprender junto com nossos acadêmicos a ser professor.

Referências

HOLLY, Mary Louise. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. In: NÓVOA, Antonio (Org.) **Vidas de professores**. 2ª ed. Porto: Editora do Porto, 1995. pp. 79-110.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. O papel da cultura visual na formação inicial em artes visuais. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.) **Educação da cultura visual** – narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: edufsm, 2009. pp. 213-224.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Por uma abordagem narrativa e autobiográfica: diários de aula como foco de investigação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.) **Educação da cultura visual** – conceitos e contextos. Santa Maria: edufsm, 2011. pp. 175-190.

PORLÁN, Rafael; MARTÍN, José. **El diario del profesor** – un recurso para la investigación en el aula. Sevilla: Díada, 1997.

ZABALZA, Miguel. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.



Imagem 01 - Diário da Prática Pedagógica da estagiária Mariana Binato de Souza (2011/1)

Fonte: arquivo de imagens da pesquisadora



Imagem 02 - Sistematização realizada em aula por um dos grupos a partir da discussão de dois textos (2011/2)

Fonte: arquivo de imagens da pesquisadora



Imagem 03 - Diário da Prática Pedagógica da estagiária Fabrícia Wesling (2011/1)

Fonte: arquivo de imagens da pesquisadora



Crianças no Paraíso, Irã, 1997

Para pensar o processo da docência...

Correr? Para onde? E por que correr?
Corro porque tenho um objetivo ou corro porque todos estão correndo?
Onde está a linha de chegada?
Quero chegar para cumprir a tarefa e descansar?
Ou quero chegar com dignidade independente de ser o primeiro da fila?
Me dou conta dos tropeços no caminho?
E o que faço com eles?
Todos chegarão na reta final, isso não é o mais importante, a questão é

Como queremos chegar?

Imagem 04 - Diário da Prática Pedagógica desta pesquisadora (2011/2)
Fonte: arquivo de imagens da pesquisadora